

**MANAUS E SEU PROCESSO DE MODERNIZAÇÃO: UMA LEITURA SOBRE A TRANSFORMAÇÃO DA “PARIS DOS TRÓPICOS” NA “CIDADE FLUTUANTE”, NO ROMANCE *DOIS IRMÃOS* DE MILTON HATOUM <sup>1</sup>**

**MANAUS AND HIS MODERNIZATION PROCESS: A ANALYSIS ON THE TRANSFORMATION OF "PARIS OF THE TROPICS" INTO THE "FLOATING CITY" IN THE BOOK *TWO BROTHERS* BY MILTON HATOUM**

Kárita Aparecida de Paula Borges<sup>2</sup>

**RESUMO:** Nesta análise da obra literária *Dois irmãos* (2000), do escritor amazonense Milton Hatoum, pretende-se compreendê-la atrelada ao contexto sócio-histórico, não como representação do real enquanto documentário, mas perceber a realidade como instrumento (matéria-prima) que o escritor utiliza para recriar, transfigurar, por meio de um discurso ficcional, a realidade em que se insere. Com essa ressalva, faz-se necessário inferir a noção de espaço geográfico (no caso específico o território amazônico brasileiro) como veículo problematizador das relações sociais no âmbito da obra hatoumiana em questão, haja vista que tal concepção propicia uma narrativa ambientada na Manaus das décadas de 1910 a 1960 (desde o fim do Ciclo da Borracha, passando pela 2ª Guerra Mundial até a ditadura militar com O Golpe de 64). Desse modo, tem-se a narrativa contemporânea *Dois irmãos* como produção artística que engendra uma interpretação do Brasil na medida em que os processos históricos de uma determinada época em Manaus e, também no restante do país, são revelados pelo olhar de um arguto observador (o narrador-personagem Nael).

**Palavras-chave:** *Dois irmãos*; literatura brasileira contemporânea; processos históricos.

**ABSTRACT:** This literary work analysis intends to understand the book *Dois Irmãos* (2000), from the Amazon writer (of Lebanese origin) Milton Hatoum, tied to the socio-historical context, but not as representation of reality as a documentary but, perceiving reality as an instrument (feedstock) that the writer uses to recreate, transfigure through a fictional discourse, the reality in which it inserts. With this caveat, it is necessary to infer the notion of geographic space (in the case of the particular Brazilian Amazon territory) as a social relations problematizing vehicle within the work in hatoumiana, that is in question. Considering that this concept provides a narrative that occurs at Manaus from 1910 to 1960 (since the Rubber's Cycle ending, through the 2nd World War until the military dictatorship in 64). So, we have the contemporary narrative *Dois Irmãos*, as an artistic production that generates an interpretation of Brazil to the extent that the historical processes of a particular time at Manaus, and also the rest of the country, are revealed by the look of a shrewd observer (the Nael narrator-character).

**Keywords:** *Dois irmãos*; contemporary brazilian literature; historical processes.

---

<sup>1</sup> Adaptação do terceiro capítulo intitulado “A cidade flutuante e o processo de modernização” pertencente à dissertação que apresentei para a obtenção do título de Mestre em Literatura Brasileira pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura na Universidade de Brasília (PósLIT/UnB).

<sup>2</sup> Sou graduada em Letras pela Universidade Federal de Uberlândia com licenciatura plena em Língua Portuguesa/Língua Francesa e suas respectivas Literaturas (2006). Fui bolsista do PIBIC/CNPq com o estudo intitulado "O dialeto Calunga no Triângulo Mineiro: um registro antropológico e linguístico" (2003). Mestre em Literatura Brasileira pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura na Universidade de Brasília (PósLIT/UnB) cujo título da dissertação é “*DOIS IRMÃOS DE MILTON HATOUM: UM OLHAR QUE VEM DO NORTE*” (2010). Sou membro do grupo de pesquisa *Literatura e Modernidade Periférica* do referido Programa (DGP/CNPq), certificado pelo CNPq. Tenho experiência como docente acadêmica na área de Letras com ênfase em Língua Portuguesa (Leitura e Produção de Textos) e Literatura Brasileira; *freelancer* como revisora de textos acadêmicos; tutora *online* e Professora-Orientadora em curso de especialização na Universidade Aberta do Brasil (UAB/UnB). E-mail: karitaunb@gmail.com

## INTRODUÇÃO

No romance *Dois irmãos* o narrador-personagem Nael deseja saber qual dos irmãos gêmeos (Omar e Yaqub da casa dos imigrantes libaneses em Manaus) é o seu pai. Para conhecer sobre sua origem é preciso que seus únicos interlocutores – o patriarca Halim e Domingas, sua mãe, digam-lhe sua linhagem. Porém, Nael se depara com a memória fragmentada de Halim e o silêncio de Domingas: “talvez por um acordo, um pacto qualquer com Zana, ou Halim, ela estivesse obrigada a se calar sobre qual dos dois era meu pai” (HATOUM, 2000, p. 80)<sup>3</sup>. Esse narrador bastardo contará os fatos a partir do quarto dos fundos da casa, já que não é reconhecido como herdeiro daquele núcleo ao ser o filho da empregada – a sombra servil da matriarca Zana.

A partir dessa autobiografia ficcional, narra-se também a história de uma cidade que já não é mais a mesma da infância do narrador, porque foi modificada com a implantação da Zona Franca de Manaus, pelo regime militar, que acaba de vez com os resquícios da *belle époque* amazônica.

Também há uma mudança na própria casa dessa família – um sobrado, onde nos fundos começara a se formar uma favela, a qual abriga os antigos moradores da “Cidade Flutuante”, derrubada para dar lugar à construção da ZFM. A casa dos imigrantes libaneses, ao final da narrativa, se desfaz quando é vendida dando lugar a um centro comercial, que vende produtos eletroeletrônicos *made-in-china*. Em virtude disso, no enredo de *Dois irmãos*, o narrador conta-nos uma história de ruína tanto da casa quanto da própria cidade.

Este artigo tem o objetivo de verificar as estruturas precárias da modernidade no Norte do Brasil. Para tanto, é preciso refletir, por meio de um olhar investigativo, o processo histórico em uma narrativa cujo enredo perpassa o fim do Ciclo da Borracha, passando pela Segunda Guerra Mundial, a implantação da Zona Franca de Manaus no final dos anos 1950 e, por fim, o desfecho do romance se dá com a tomada da cidade pela ditadura militar, com o Golpe de 1964. Deste modo, a história de Manaus revela os processos de urbanização e modernização da cidade, ambos vistos por Nael como dolorosos e melancólicos.

Ao tecer um diálogo com a História e trazer à tona questões vinculadas às disparidades socioeconômicas, que ainda estão vigentes em nossa sociedade, *Dois irmãos* torna-se um interessante material de pesquisa para gerar reflexões acerca da representação literária das questões locais amazonenses e, também, nacionais. Assim, na narrativa hatouniana, há evidências do resultado da espoliação a que os seringueiros-sertanejos foram submetidos durante o período do Ciclo da

---

<sup>3</sup> HATOUM, Milton. *Dois irmãos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. Nas próximas citações do romance, utilizarei apenas o número da página, pois correspondem à mesma edição.

Borracha. No final desta fase, esses trabalhadores mudaram-se para Manaus e tiveram que erguer suas casas de palafitas – recendendo a lodo – em bairros periféricos, dentro de uma cidade que ainda respirava os ares da *belle époque*, “o *locus* da atividade civilizatória” (DAOU, 2000, p. 11).

O estudo deste tipo de representação literária denuncia os resquícios do processo de aniquilamento das sociedades indígenas – como ocorreu com os índios Manaós “que habitaram essa região, antes de serem extintos pelo colonizador europeu” (PONTES FILHO, 2000, p.114) – e, também, as condições bem próximas de escravizados em que viviam os seringueiros, os quais continuaram os ciclos de miséria, em suas “vidas arruinadas”, nas palavras do próprio narrador Nael. Assim sendo, estudamos a narrativa como uma produção artística que engendra uma interpretação do Brasil na medida em que os processos históricos de uma determinada época em Manaus e, também no restante do país, são revelados pelo olhar deste arguto observador, que questiona seu pertencimento ao lugar do qual fala, os fundos da casa. Por certo Nael, perspicazmente, percebe, ao estar à margem da família e da sociedade, os fatos ocorridos em ambos, ou seja, o que lhe interessa é, a partir de sua história pessoal, ver o Brasil e o mundo.

A cidade narrada na obra, no início do século XXI, não é a mesma que Hatoum conheceu na sua infância, quando havia uma cidade que carregava os ares da *belle époque* com suas praças, cafés, colégios e cinemas, lugares que cederam espaço à Zona Franca, uma época em que a capital do Amazonas tornou-se uma cidade industrializada, com uma periferia urbana totalmente desassistida pelo Estado, vivendo na penúria em casas improvisadas às margens dos rios e igarapés.

Na arquitetura literária de Milton Hatoum, especialmente, em *Dois irmãos* o enredo trata de dramas familiares que se estendem à cidade e ao rio: Manaus se interage numa cumplicidade com o rio Negro e ambos se entrelaçam para comporem as redes de ruínas e de tempos passados na narrativa. Assim, percebe-se que a literatura hatouniana rompe com uma concepção da região como um lugar do exótico, porque trata das mudanças ocorridas na capital que antes era vista como a “Paris dos Trópicos”, em virtude da implementação do Ciclo da Borracha, e que, posteriormente, transforma-se na “Cidade Flutuante”.

Ao assumir a função de contador da história, Nael enxerga tanto a casa quanto a cidade sem idealizações, uma vez que através do trabalho literário compreendemos o mal fadado projeto de modernidade, que não atingiu toda a população e, que beneficiou apenas uma minoria, a qual sempre usufruiu do resultado do trabalho dos explorados.

É forçoso abordar a noção de ruína na narrativa, porque temos a casa da família que se desfaz e se transforma num centro comercial da ZFM, visto que foi vendida para o comerciante Rochiram. Cabe, então, personificá-lo como símbolo de um capitalismo mais perverso, que busca acumular capital contribuindo ainda mais para as mudanças na cidade, a qual se transmuta, devido a essa implementação, e que não vislumbra um retorno positivo para a população local – os ribeirinhos que ali se instalaram.

Neste trabalho trataremos do processo de modernização do Norte do país, que é representativo dos processos contraditórios e desiguais do desenvolvimento brasileiro e, sobretudo, analisaremos a presença desse progresso divergente como tema central da obra *Dois irmãos*. Assim, para dar conta dessa questão, abordaremos dois tópicos: i) *Rochiram*: símbolo de um capitalismo mais perverso; ii) *A casa e seus habitantes*: a ruína em *Dois irmãos*.

## 1 **ROCHIRAM: SÍMBOLO DE UM CAPITALISMO MAIS PERVERSO**

Segundo Gilberto Dupas, as elites globais ao cultuarem o progresso, não se preocupam que esse trouxe “consigo exclusão, concentração de renda, subdesenvolvimento e graves danos ambientais, agredindo e restringindo direitos humanos essenciais” (2007, p. 73).

Na narrativa de Hatoum há uma problematização da mudança ocorrida na capital, que de pacata e provinciana transformara-se num centro comercial, como tantas outras cidades industriais e desenvolvidas do globo, crescendo desordenadamente como um “sinal de enlouquecimento orgânico” (SOUZA, 1977, p. 162). Nesse crescimento tumultuado, a cidade dos barões da borracha não organizou sua infraestrutura para acomodar o trabalhador industrial e nem os povos ribeirinhos que migraram do interior. Essa cidade que carrega a conotação de “Paris dos Trópicos” acumulou problemas comuns como toda metrópole, que exila os trabalhadores para as periferias distantes do centro. De acordo com Sousa, o traçado histórico de mudanças na Manaus de Hatoum, ocorreu a partir

[...] do início do século com suas colônias de imigrantes, seus restaurantes franceses (que lhe garantiam o codinome de “Paris das selvas”), e depois a decadência dos barões da borracha, a guerra e a presença americana, a chegada de um outro comércio nos anos 60 e 70, a invasão militar na época do golpe, a perseguição política, a destruição de bairros da cidade, para a construção daquilo que se esperava ser um novo progresso. Contudo, (...) trata-se do início de uma miséria ainda mais vasta e impiedosa, com o seu cotejo de leprosos, pedintes, abandonados de todos os tipos. Assim, a chegada do comércio eletrônico aparece mais como uma condenação à qual está sujeita a cidade, ela também personagem dessa história. É também a ocasião de uma nova leva de imigrantes, não só mais preocupados com o progresso, mas com o acúmulo de dinheiro e de poder. São os coreanos, chineses e indianos que chegam à cidade atraídos pelo apelo fácil do comércio (2001, s/n.).

Conforme descrito em *Dois irmãos*, “Manaus está cheia de estrangeiros. Indianos, coreanos, chineses... O centro virou um formigueiro de gente do interior... Tudo está mudando em Manaus” (p. 223). A cidade torna-se matéria narrada no início do século XXI no intento de mostrar que esse processo de modernização nacional não atingiu todas as regiões. Para o Norte, por exemplo, foram apenas ecos desse progresso.

A narrativa mostra o contraste entre Manaus e São Paulo: enquanto Manaus ainda usava geladeira a querosene, São Paulo se transformava numa megalópole. Por isso, o personagem Yaqub vai para a capital do desenvolvimento industrial brasileiro, seguindo os conselhos do padre Bolislau: “Vá embora de Manaus, dissera o professor de matemática. Se ficares aqui, serás derrotado pela província...” (p. 41).

Trata-se do final da década de 1950, época marcada pela eufórica modernidade de Juscelino Kubitschek, cujo ideal de governo era promover a entrada do país no rol das nações desenvolvidas, por isso implementou o Plano Nacional de Desenvolvimento para alcançar o propósito de “Cinquenta anos em cinco”.

Apesar de ser uma cidade portuária e que, portanto, deveria estar fadada à modernização e ao progresso, Manaus é representada, na obra em tela, como uma ruína. De fato, as ruínas, portos, sujeiras, casas de palafitas e o comércio popular, mostram o contraste entre norte e sul do país. Segundo Pellegrini, Manaus é uma

[...] cidade ilhada pelo rio e pela floresta, que desde o fim da *belle époque* da borracha, adaptou-se como foi possível a cada nova circunstância dada pelo desenvolvimento do capitalismo. Nesse sentido tem-se a história do país refletida num pequeno mundo e a ele circunscrita, transmitindo valores humanos específicos, assim fazendo a passagem do local para o universal (2004, p. 123).

A evocação do universal pelo local é tema da narrativa ao dar a ver a dicotomia entre Norte arcaico (Manaus decadente) *versus* Sul moderno (São Paulo que tem a possibilidade de vivenciar a industrialização por volta da década de 1950).

Yaqub pode ser, então, considerado um agente do processo modernizador deste período nacional, pois apostava num futuro promissor: “naquela época, Yaqub e o Brasil inteiro pareciam ter um futuro promissor” (p. 41). O romance encena o processo de modernização do país, que foi dirigido às capitais e portos das regiões metropolitanas.

*A priori*, Halim, o imigrante libanês pai dos irmãos gêmeos rivais, comercializava seus produtos como regatão e depois montou uma pequena loja na qual vendia quinquilharias e jogava gamão com seus fregueses, os quais a maioria eram moradores da “Cidade Flutuante”; já num segundo momento, há a ideia do moderno, aludido quando Rânia, filha do comerciante libanês, ao assumir o negócio do pai reforma a loja, vende os estoques e aposta nos produtos importados.

A atitude de Rânia é influenciada por Yaqub, o irmão que se torna um promissor engenheiro em São Paulo e que procura superar o atraso da loja de seu pai apostando na modernização das relações produtivas e comerciais, antecipando o comércio da Zona Franca, como nos conta o narrador:

Desconfiei da sanha empreendedora de Rânia e percebi que seu impulso era movido pelas mãos e as palavras de Yaqub. Em menos de seis meses a loja deu uma guinada, antecipando a euforia econômica que não ia tardar (p. 130-131).

O sentimento de deslocado em seu local de origem leva Yaqub, “o montanhês rústico que urdia um futuro triunfante” (p. 32), para fora da província manauara, leva-o a São Paulo, que é descrita nas poucas cartas que o jovem estudante remetia aos seus pais:

Com poucas palavras, Yaqub pintava o ritmo de sua vida paulistana. A solidão e o frio não o incomodavam; comentava os estudos, a perturbação da metrópole, a seriedade e a devoção das pessoas ao trabalho. De vez em quando, ao atravessar a praça da República, parava para contemplar a imensa seringueira. Gostou de ver a árvore amazônica no centro de São Paulo, mas nunca mais a mencionou. As cartas iam revelando um fascínio por uma vida nova, o ritmo dos desgarrados da família que vivem só. Agora não morava numa aldeia, mas numa metrópole (p. 59-60).

Essa cidade estimula o rapaz a se “expatriar” de seu território familiar constituindo-se num “outro” que não quer vínculo com sua história original, pois Yaqub rende a sua cultura (amazonense-libanesa) à cultura do capital, ou seja, ao projeto progressista de São Paulo, que se desenvolvia no setor agrícola, na urbanização, no setor industrial. Enquanto as regiões Norte e Nordeste sentiam apenas o burburinho da nova fase de industrialização e do desenvolvimento tecnológico que se instalava no outro lado do Brasil.

A respeito dos efeitos na mestiça população manauara provocados pelas mudanças implantadas pela Zona Franca de Manaus, Milton Hatoum afirma que:

A tradição indígena é muito forte em Manaus, não adianta. E isso criou um choque muito grande. A Zona Franca foi uma violência para a cidade. Para os valores culturais, para os hábitos, para os costumes, para o espaço urbano. Também para a relação da cidade com a floresta, porque antes a natureza pertencia à cidade. Depois, aboliram a floresta da cidade, destruíram muitas coisas. Além do que, a televisão - da forma mais estúpida e vulgar, como é a televisão brasileira de um modo geral -, também contribuiu para a mudança desses hábitos. Manaus começa a imitar o sul, quando na verdade nós temos ali valores e uma tradição da cultura popular indígena que são muito fortes. E a pior coisa dessa colonização interna, que foi imposta pelo governo militar com a Zona Franca, é o fato de os amazonenses se sentirem diminuídos pela pujança do sudeste (HATOUM, 2002).

Essa “colonização interna” imposta pelo regime militar não respeitou as tradições e nem os hábitos culturais locais da população, em grande parte proveniente da cultura indígena. Com a chegada da televisão, essas populações começaram a se comparar com a do sul/sudeste do Brasil e a se sentirem inferiores ao restante do país. Por isso, a ZFM se estabeleceu na cidade sem a resistência da população, que não lutou contra a agressão ocorrida com a cidade, como, por exemplo, a destruição da “Cidade Flutuante”.

Apesar da criação da Zona Franca, constata-se que a modernidade não trouxe melhorias para àqueles que realmente contribuíram na estruturação deste país. Para o antropólogo Darcy Ribeiro, que analisa a ideia do progresso em nossa nação, nós brasileiros contrariamos nosso destino:

[...] embora embarcados num projeto alheio, nos viabilizamos ao nos afirmar contra aquele projeto oficial e ao nos opor aos desígnios do colonizador e de seus sucessores. Pela vontade deles, os índios, os negros e todos nós, mestiços deles, recrutados pela empresa colonial, prosseguiríamos na função que nos foi prescrita de proletariado de ultramar, destinado a produzir mercadoria exportável, sem jamais chegar a ser gente com destino próprio (1995, p. 225).

A inserção do Brasil para se transformar numa nação com uma posição privilegiada no sistema capitalista não consegue dar à maioria de trabalhadores a parte que lhe cabe neste latifúndio brasileiro – alusão ao verso de João Cabral (“é a parte que te cabe deste latifúndio”), que musicado por Chico Buarque na canção “Funeral de um lavrador”, reporta-se à precariedade social do país, o qual não atingiu o patamar de nação, que traz apenas em sua Constituição Federal o significado de liberdade e soberania para a população que trabalha arduamente para o seu progresso. Trata-se, porém, de palavras que Nael considera uma falsa ideia de concretude, pelo menos em sua região:

Na noite da inauguração da Casa Rochiram, um carnaval de quinquilharias importadas de Miami e do Panamá encheu as vitrines. Foi uma festa de estrondo, e na rua uma fila de carros pretos despejava políticos e militares de alta patente. Diz que veio gente importante de Brasília e de outras cidades, íntimos de Rochiram. [...] Manaus crescia muito e aquela noite foi um dos marcos do fausto que se anunciava (p. 255-256).

A capital do Amazonas crescia com o advento da Zona Franca de Manaus, cujo resultado das políticas de incentivos fiscais e tributários, implementados pelo governo militar, servia aos interesses dos mercados nacionais e internacionais. Assim sendo, esta nova etapa do capital “visava atender a um imperativo geopolítico básico, isto é, ocupar o território da região e, em especial, aquelas áreas de fronteira e promover o aproveitamento econômico capitalista da região” (PONTES FILHO, 2000, p. 192) para beneficiar a elite manauara.

A expressão “marcos do fausto”, no fragmento acima, prenuncia o momento histórico que Manaus estava prestes a vivenciar: a implantação da ZFM, que teve sua primeira fase denominada de Zona Franca Comercial em 1957, que

[...] em sua primeira versão, tal como foi criada pela Lei 3173, de 06/06/57, a partir do projeto do deputado federal Francisco Pereira da Silva, operava tão-somente como área de livre comércio de importação. A livre circulação de produtos estrangeiros, ou seja, a entrada e saída de artigos produzidos em outros países, estimulados pela redução das alíquotas do Imposto de Importação (I.I.) e outros incentivos na área designada, visava gerar um intenso comércio, elevar receitas portuárias e criar empregos, a exemplo do que também ocorreu

inicialmente noutras regiões do mundo, tais como Hong Kong e Singapura, na Ásia (op. cit., 2000, p. 192).

Eis a Zona Franca se estabelecendo e, também, ocupando os espaços: muitos dos belos sobrados de Manaus se não foram destruídos pelo tempo, viraram algum centro comercial, como aconteceu com a casa da família de Halim – a qual se desmorona, literalmente, e se transforma na **Casa Rochiram**.

É por essa razão que o indiano Rochiram é um personagem que carrega a máscara da personificação do progresso destruidor. É uma figura emblemática para quem tudo é provisório (amizades, casas, cidades): “era como se morasse em pátrias provisórias, falasse línguas provisórias e fizesse amizades provisórias. O que se enraizava em cada lugar eram os negócios” (p. 226), ou seja, o capital.

Esse novo comércio do entesouramento, preconizado pelo indiano, é completamente diferente daquele que Halim e tantos outros imigrantes libaneses faziam na Manaus do final do século XIX e início do XX:

Um comércio feito de porta em porta, na base da confiança, da amizade, da construção de uma rede de conhecidos, sem a ambição do acúmulo. [Rochiram com essa forma de comercialização simboliza] o final da crença em uma possibilidade de construção de uma sociedade melhor naquele canto do Brasil. A desilusão da modernidade é vivida como uma ferida por Nael e é a razão de sua descrença com relação ao comércio e ao progresso. Esse mundo não é o seu, pois a fatia que lhe cabe é pequena, apenas a de testemunha (SOUSA, 2001, s/n.).

É pelo olhar de Nael que o leitor conhece a triste realidade de Manaus:

[...] Eu acabara de dar minha primeira aula no liceu onde havia estudado e vim a pé para cá, sob a chuva, observando as valetas que dragavam o lixo, os leprosos amontoados, encolhidos debaixo dos outeiros. Olhava com assombro e tristeza a cidade que se mutilava e crescia ao mesmo tempo, afastada do porto e do rio, irreconciliável com o seu passado (p. 264).

Esta cidade “irreconciliável com o seu passado” teve os antigos sobrados dos barões da borracha, assim como os bares e restaurantes tradicionais, destruídos para ceder espaço à construção de pólos comerciais e industriais, tendo em vista que a intenção era abrir lojas no centro da cidade para abrigar os produtos eletrônicos que arrastaram uma leva de imigrantes de várias partes do mundo para enriquecerem no mormaço amazônico.

A respeito desse processo de modernização, Pellegrini discute no ensaio “Caminhos da Cidade” como fica a cidade enquanto matéria narrada nos textos ficcionais. Para a autora, “a cidade torna-se o cerne dos debates, pois a realidade citadina e a imaginação estético-política fazem matéria literária do imperativo do progresso e de integração ao industrialismo e à sociedade de massas” (2008, p. 18).

Esse processo foi acelerado a partir do regime militar de 1964 cujo ideal era impulsionar a modernização até o norte do país. Para tanto, os militares compreendiam que era preciso uma efetiva intervenção do Estado como um veículo financiador, planejador, gestor e controlador da economia nacional.

O que fortaleceu a entrada da Zona Franca na cidade foi que essa permaneceu como uma província empobrecida e fragilizada:

os palacetes começavam a ruir abandonados e as ruas enchiam de buracos. Toda a infra-estrutura de serviços urbanos começou a entrar em colapso e o êxodo das populações interioranas acelerava esse processo. A Paris equatorial era agora uma Port-au-Prince ridícula, vivendo num isolamento de enlouquecer (SOUZA, 1977, p. 142).

Neste período, em nome da modernidade, os bairros antigos de Manaus foram demolidos cedendo lugar ao novo. Dessa forma, tanto os antigos casarões quanto a Cidade Flutuante – o bairro portuário – foram destruídos.

O narrador pinta as mudanças na cidade direcionando-lhe um olhar estarrecido diante das ações cometidas pelo governo:

[Halim] estava ao lado do compadre Pocu, cercado de pescadores, peixeiros, barqueiros e mascateiros. Assistiam, atônitos, à demolição da Cidade Flutuante. Os moradores xingavam os demolidores, não queriam morar longe do pequeno porto, longe do rio. Halim balançava a cabeça, revoltado, vendo aquelas casinhas serem derrubadas. [...] Ele ficou engasgado, e começou a chorar quando viu as tabernas e o seu bar predileto, A Sereia do Rio, serem desmantelados a golpes de machado. [...] Tudo se desfez num só dia, o bairro todo desapareceu. Os troncos ficaram flutuando, até serem engolidos pela noite (p. 211).

Portanto, simbolicamente, essa cidade do passado, que foi construída pelos trabalhadores da borracha, na qual havia uma interação entre pessoas tão diferentes como o libanês Halim e seus amigos da Cidade Flutuante – peixeiros e estivadores do porto –, se finda com a destruição das casas de palafitas pelos policiais do regime militar. Dessa forma, Nael apresenta essas mudanças ocorridas na cidade por meio de um

[...] olhar que percorre o espaço em transformação, não fornecendo explicações simplistas para a sua decadência, mas buscando sentidos para as profundas alterações do espaço urbano frente aos aventureiros trazidos pelo estabelecimento da Zona Franca (FREIRE, 2007, p. 188).

A presença do narrador na cena de demolição da Cidade Flutuante torna-se um pretexto verossímil para mostrar a cidade de Manaus e sua história permeadas de mudanças advindas de governos, que geralmente não se preocuparam com a população local de trabalhadores, os quais

sempre tiveram que improvisar casa, trabalho para sobreviver na impensável modernidade amazônica. De acordo com OLIVEIRA (2007, p. 107),

[...] Há uma tendência do capital em produzir o espaço na fronteira desconsiderando o passado enquanto dimensão do vivido e não levando em conta o futuro enquanto possibilidade. Ambos são aniquilados pelo imediatismo das ações. Neste processo não só se destrói a natureza como, e principalmente, se destroem modos de vida. Em consequência da violência de como as relações sociais de produção passam a ocorrer, há comprometimentos capazes de não garantir a sua reprodução no futuro, em especial das populações locais (índios, posseiros, seringueiros, ribeirinhos, pequenos agricultores, pescadores e trabalhadores assalariados).

Os novos bairros previstos nesta nova fase da cidade são inteiramente distintos da implantação anterior que era ligada tradicionalmente com o rio Negro e seus afluentes. De maneira que, quando Nael diz “eu respirava só de olhar para o rio” (p. 80), é porque nesta fase da infância do narrador ainda havia as casas e comércios à beira dos igarapés, que estabeleciam essa relação de proximidade com o rio. Se antes o Negro servia como um meio de sobrevivência para os povos ribeirinhos, agora serve para beneficiar a população urbana – incrementada com a presença de coreanos, chineses, indianos, americanos, que produzem e vendem bens de consumo que a maioria da população da cidade não tem condições de usufruir.

Dessa maneira, o romancista, ao entrelaçar a história da cidade (matéria local) com a matéria romanesca (ficção) possibilita ao leitor conhecer de que forma os personagens moradores da Cidade Flutuante são afetados pelos acontecimentos e como são coagidos pelos tratores que destroem seus bairros.

Com a cidade sitiada pela ditadura militar, ficou mais fácil para o governo implantar sua nova modalidade de economia facilitada pela letargia da população local, a qual assistia a derrocada da Cidade Flutuante e, claro, do seu comércio popular, que obrigou a população local a se desligar de sua principal forma de renda que sempre foi o rio Negro, o qual agora servirá aos navios que lotados de produtos eletroeletrônicos aportam na cidade e são distribuídos pelo restante do país. Por isso, talvez seja um passado irreconciliável com o rio, porque quem irá se beneficiar não será a população local e, sim, os navios que levarão pelas mesmas águas as mercadorias produzidas ali.

Acerca da construção desse espaço na narrativa hatouniana, o estudo de Freire elucida a sua importância pelo discurso do narrador de *Dois irmãos*, porque, para o pesquisador, o espaço literário

[...] não é o próprio discurso, mas aquele ambiente construído pelo discurso da percepção que os personagens possuem do entorno, porque o discurso é apenas o meio em que se arquitetam e encerram as imagens do espaço e expressa o

desejo do personagem de evadir-se ou sobrepujar as limitações espaço-sociais que o confinam, como é o caso do narrador de *Dois irmãos*. E, nesse caso, esse discurso que constitui o espaço tanto pode ser o do narrador como o dos outros personagens, já que a posição do narrador é importante, como guia autorizado do leitor, mas não determinante para uma análise dos sentidos do espaço no romance, haja vista o contraste que pode se estabelecer entre o que ele declara e o que os outros personagens sentem ou dizem. Por sinal, a posição de fala é altamente significativa para a interpretação dos sentidos do espaço, já que, dependendo de onde se vê, ou de quem vê, muda radicalmente a maneira como se vê (2007, p. 31).

Através do olhar de Nael, Manaus é apresentada como uma cidade cercada pelos militares: “as escolas e os cinemas tinham sido fechados, lanchas da Marinha patrulhavam a baía do Negro, e as estações de rádio transmitiam comunicados do Comando Militar da Amazônia” (p. 198). E, assim, o leitor vai conhecendo as divisões dos bairros, subúrbios e favelas que foram surgindo na capital do Amazonas, os quais são também um desenho de divisão de classes sociais, porque só permanecem no centro da cidade aqueles que podem pagar pela sua infraestrutura.

FREIRE se baseia no estudo de Moretti a respeito da presença da cidade no romance europeu para compreender a construção do espaço amazônico na narrativa de Hatoum:

[...] como afirma Franco Moretti em *Atlas do romance europeu*, a cidade nunca é só o traçado visível, ou seja, praças, ruas, casas, edifícios monumentais; sobre isso tudo a imaginação criadora dos habitantes projeta sonhos e sentimentos, assim como os viajantes buscam alternativas e possibilidades, criando muitas cidades sobre o mesmo espaço. [...] De acordo com Moretti, o primeiro escritor a “enfrentar” a dificuldade de representar a complexidade de uma grande cidade, uma capital cosmopolita como Paris, com seus múltiplos espaços e hierarquia social foi Balzac. Segundo Moretti, o escritor francês não “protege” seu romance das complicações de Paris, mas aproveita-as como uma oportunidade para estruturar sua narrativa. Para promover inter-relações entre os vários espaços da cidade, Balzac introduz a figura de um “terceiro”, que pode ser um personagem ou mesmo o dinheiro, como força de mediação social, a qual acaba galgando a posição de protagonista da narrativa (op. cit., p. 140).

Pensando pela mesma lógica de Moretti, temos Manaus como uma cidade que no decorrer do romance vai se transformando: primeiro havia um sonho de transformá-la, em sua arquitetura, numa cidade europeia e até se conseguiu por um tempo; surge, depois, a “Cidade Flutuante”, gueto dos ex-seringueiros e povos ribeirinhos após a derrocada do sonho europeu; posteriormente, se tornou o espaço do processo de efetivação da Zona Franca sendo novamente reinventada, tendo em vista que com esta nova ordem do capital, as casas construídas à beira dos igarapés próximas ao rio Negro foram demolidas. Assim, a vinda desse tipo de mercadoria para Manaus e, conseqüentemente, o aparecimento de Rochiram, cujo intuito é apenas o lucro, faz de Manaus uma cidade totalmente modificada, num aspecto negativo, pelo capital.

## 2 A CASA E SEUS HABITANTES: A RUÍNA EM *DOIS IRMÃOS*

Na tessitura narrativa do romance há um narrador que constrói sua história num relato tensionado, que carregado de silêncio e opressão vai aos poucos revelando “as ruínas de um mundo velho e as ruínas de um mundo novo, de uma modernidade que não se completa, sendo ela também uma promessa vazia” (SOUSA, 2001: s/n). É nesta lacuna que a realidade vai se revelando mais devassada no enredo e comprovando que a promessa de um futuro mais digno para a população local encerra-se numa inverossimilhança, talvez por isto a história seja revelada do quarto dos fundos:

[...] A casa foi se esvaziando e em pouco tempo envelheceu. [...] Fiquei sozinho na casa, eu e as sombras dos que aqui moraram. Ironia, ser o senhor absoluto, mesmo por pouco tempo, de um belo sobrado nas redondezas do Manaus Harbour. O dono das paredes, do teto, do quintal e até dos banheiros (p. 253).

Em sua narrativa Nael mostra que a decadência da cidade é um eco da desagregação da casa dos imigrantes libaneses. Daí a epígrafe do romance ter o poema *Liquidação* de Carlos Drummond de Andrade, cujo intuito é elucidar esta ruína em que se transforma a casa e a cidade, porque ambas são vendidas para promover o progresso numa cidade

[...] encravada no fim de um mundo, entre as ruínas do passado e a construção de um novo império, no qual mudaram apenas os donos: os excluídos são os mesmos, porém em maior número. São os esmoles, os ribeirinhos, os leprosos, as prostitutas, os pescadores, os caboclos conhecedores dos segredos da cura nativa, enfim, ‘as vidas arruinadas’, nas palavras de Nael (SOUSA, 2001: s/n).

Em *Dois irmãos*, uma das perspectivas do romance é estabelecer uma ponte que liga a desagregação da família à decadência da cidade durante os períodos narrados na obra, bem como as transformações políticas e econômicas no sul e sudeste do país nos anos 50 e 60 do século passado. Por isso, é constante a percepção de ruína no romance, porque Manaus é vista como ruína de um passado que fora glorioso e, também, como ruína de um futuro que já se anuncia incerto.

A relação entre o sentido do texto literário e a realidade é expressa por ele em forma de ficção, que inventa, fabula o mundo concreto por meio das personagens, pelo narrador-testemunha dos fatos, pelo enredo, pelo espaço e pelo tempo tanto o cronológico quanto o ficcional, que interpretam um determinado momento histórico de um país sendo tal ato uma comunicação com o leitor e quem sabe é neste processo que se dá a realidade escamoteada. Segundo Corrêa,

[...] como produção que engendra uma história fictícia, o objeto estético produzido pelo autor é também sujeito de uma figuração que, por ser relativamente autônoma com respeito aos limites do cotidiano ordinário, embora deva ser também obediente ao desejo de alcançar a máxima resolução estética possível, pode comunicar ao leitor, além dessa mesma rotina que preenche o tempo e o espaço que já lhe são conhecidos, a lógica histórica que lhe é sabotada diariamente (2008, p. 82).

A casa começa a virar ruína após a morte de Halim, Domingas e Zana, que são substituídos por mercadorias quando o sobrado é vendido:

Os azulejos portugueses com a imagem da santa padroeira foram arrancados. E o desenho sóbrio da fachada, harmonia de retas e curvas, foi tapado por um ecletismo delirante. A fachada, que era razoável, tornou-se uma máscara de horror, e a idéia que se faz de uma casa desfez-se em pouco tempo (p. 255).

O inevitável acontece no final da narrativa e a desestabilização da família e da casa é a metáfora do fim de um tempo, porque tudo terminou em ruína. Os personagens, representantes dessa antiga Manaus que é deixada para trás, são relegados à condição de permanecerem na ruína encetada num labirinto literário em que narrador e leitor se tornam cúmplices de que finais felizes não pertencem a uma literatura que nos mostra as contradições sociais de uma nação que relega à margem pessoas como Domingas, Calisto e Adamor, por exemplo.

Calisto era um dos vizinhos do cortiço que cuidava dos macacos de Estelita Reinoso e com a ZFM trabalhava de estivador no porto de Manaus para descarregar os produtos eletrônicos, dos quais com certeza ela jamais poderá usufruir em sua casa; já o peixeiro Adamor (o Perna-de-sapo), no final da narrativa se torna um dos coveiros do cemitério em que Domingas foi sepultada; “filho do rio Purus, filho de Lábrea” (p. 166) – nunca retornou para sua cidade natal e nem para o rio Purus – “embrenhou-se no traçado de becos de Manaus, ergueu uma palafita e mofou no fedor dos pauís” (p. 167).

Neste processo de compreender a ruína que toma conta tanto da cidade quanto da casa a partir de onde foi gerado o enredo “como retalhos de um tecido” (p. 51) esgarçado pelo tempo e que retoma os fatos passados para relatar uma história silenciada pela memória oficial, Nael peregrina pela fragmentação da memória e, como um exímio arquiteto, resgata uma Manaus e uma região, que haviam sido encobertas por um olhar eurocêntrico.

Um olhar que as consideravam como o espaço do exótico, cuja presença de uma fauna e flora exuberantes ofuscou a compreensão da cidade de Manaus tanto pelos próprios latino-americanos quanto pelo restante do Ocidente, que sempre a compreenderam como um éden perdido, na expressão de Euclides da Cunha. Entretanto, com a produção literária de Hatoum é possível compreender o meio amazônico com características específicas no qual seus habitantes vivenciam dilemas tão comuns como em qualquer cidade cosmopolita.

Assim, o processo de ruína da casa e da cidade se imiscui com o próprio fazer literário de um intelectual, pois o narrador-personagem Nael, que vira escritor para contar a história desta casa e de seus habitantes, termina seu relato sozinho nos fundos da casa que se desfez. Eis o fim de um tempo: tanto o tempo cronológico real de que se podia ter feito de Manaus uma cidade melhor habitável quanto o tempo ficcional em que o romance se finda mergulhado na nostalgia e

melancolia de um narrador preso às lembranças de um passado inglório da cidade e de seu núcleo familiar. Essa ruína que perpassa toda a narrativa deixa Nael prisioneiro de uma melancolia e o torna lúcido para enxergar a sua cidade e, também, o Brasil sem nenhuma utopia.

## REFERÊNCIAS

AGUIAR, José Vicente de Souza. *Manaus: Praça, Café, Colégio e Cinema nos anos 50 e 60*. Manaus: Editora Valer; Governo do Estado do Amazonas, 2002. (Série Em Busca da Identidade Regional).

CORRÊA, Ana Laura dos Reis. “Lúcio Cardoso e a crônica da ruína e da desagregação em região periférica”. In: *Interdisciplinar: Revista de estudos de língua e literatura*, ano III, n.5, Universidade Federal de Sergipe, Sergipe, jan – jun. 2008, p.81-100. Disponível em: <[http://www.posgrap.ufs.br/periodicos/interdisciplinar/revistas/ARQ\\_INTER\\_5/INTER5\\_Pg\\_81\\_100.pdf](http://www.posgrap.ufs.br/periodicos/interdisciplinar/revistas/ARQ_INTER_5/INTER5_Pg_81_100.pdf)>. Acesso em: 12 jun. 2010.

DAOU, A. M. *A Belle Époque amazônica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000. (Coleção Descobrimo o Brasil).

DUPAS, Gilberto. “O mito do progresso”. In: *Novos Estudos CEBRAP*, n. 77, mar. 2007, p.73-89.

FREIRE, J. A. T. *Entre construções e ruínas: uma leitura do espaço amazônico em romances de Dalcídio Jurandir e Milton Hatoum*. 2007. 244f. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira) – Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

HATOUM, Milton. *Dois Irmãos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

\_\_\_\_\_. “Expatriados em sua própria pátria”. In: *Cadernos de Literatura Brasileira*, n.13/14, Instituto Moreira Salles, 2002, p.318-339.

OLIVEIRA, José Aldemir de. *Cidades na Selva*. Manaus: Editora Valer, 2000.

PELLEGRINI, Tânia. “Milton Hatoum e o regionalismo revisitado”. In: *Revista Luso-Brazilian Review*, University of Wisconsin System, 2004, p. 121-138. Disponível em: <<http://muse.jhu.edu>> Acesso em: 27 set. 2007.

\_\_\_\_\_. “Os caminhos da cidade”. In: \_\_\_\_\_. *Despropósitos: estudos de ficção brasileira contemporânea*. 1.<sup>a</sup> ed., São Paulo: Annablume; FAPESP, 2008.

PONTES FILHO, Raimundo Pereira. *Estudos de História do Amazonas*. Manaus: Editora Valer, 2000.

RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

SOUZA, Márcio. *A Expressão Amazonense: do colonialismo ao neocolonialismo*. São Paulo: Alfa - Omega, 1977.